

O Potencial Universal e Económico do Português no Século XXI

Luís Aguilan

Texto de apresentação da exposição *Potencial Económico da Língua Portuguesa* em 3 de junho de 2014, no Hall do Edifício da Caixa Portuguesa Desjardins.

Um estudo sobre o *Potencial Económico da Língua Portuguesa* encomendado pelo, então, Instituto Camões (IC) em setembro de 2007 e desenvolvido por uma equipa de investigadores do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) conclui que as indústrias e os serviços em que a língua Portuguesa é um elemento chave representam 17% do Produto Interno Bruto (PIB) de Portugal. Deu esse estudo, no qual modestamente participamos, origem à publicação de um livro, coordenado por Luís Reto, intitulado *O Potencial Económico da Língua Portuguesa* e a realização de uma exposição com o mesmo nome, organizada pelo Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, exposição que ora temos o prazer de apresentar pela primeira vez na América do Norte, integrada no Festival Portugal Internacional de Montreal, com o apoio económico e logístico da Caixa Desjardins Portuguesa e promovida pelos Estudos Lusófonos do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade de Montreal.

Não fossem as Descobertas Portuguesas e a língua de Camões e Pessoa, mas também de Machado de Assis, Pepetela e Mia Couto, seria falada hoje apenas por cerca de 10 milhões de pessoas, tal como o é o catalão, por exemplo. Com efeito, o português foi levado a dois terços do planeta pelos portugueses nos séculos XV e XVI e, por isso, é hoje língua oficial de oito pátrias (Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste) e é falado, ainda, na antiga Índia Portuguesa (Goa, Damão e Diu) e em Macau, na China, sem esquecer os inúmeros crioulos de base lexical portuguesa resultantes do contacto do Português com outras línguas, da Índia, da Ásia Oriental, da América Central e do Sul e de África.

Estima-se em 250 milhões, o número de locutores de português, o que representa 3,7 % da população mundial, distribuída por cerca de 7,25 % da superfície continental da Terra, é a língua mais falada no hemisfério sul, a terceira língua europeia depois do inglês e do espanhol, a quarta língua materna, depois do mandarim, do inglês e espanhol. É uma das 12 línguas supercentrais do planeta, juntamente com o alemão, o árabe, o chinês, o espanhol, o francês, o hindi, o japonês, o malaio, o russo e o suali), a quinta língua mais utilizada na Internet depois do chinês, do inglês, do espanhol e do japonês e a quarta com maior taxa de crescimento (990% entre 2000 e 2011), depois do árabe (2501%), do russo (1826%) e do chinês (1479%), a terceira mais usada no Facebook depois do inglês e do

espanhol e também a que apresenta o maior crescimento, passando do índice 6 para 59 (1000 %) enquanto o espanhol, por exemplo, passou de 61 para 143 (300%), é a 6ª língua do mundo mais utilizada nos negócios, depois do Inglês, do mandarim, do francês, do árabe e do espanhol e – como havia predestinado Fernando Pessoa – é *uma das poucas línguas potencialmente universais do século XXI*.

A língua portuguesa é uma língua de trabalho em várias organizações internacionais: União Europeia (EU), Mercosul, Unidade Africana (UA), União Latina (UL) e, mais cedo do que tarde, tornar-se-á num dos idiomas de trabalho da Organização Mundial do Turismo, juntando-se ao inglês, ao espanhol, ao árabe, ao francês e ao russo e, sobretudo, da Organização das Nações Unidas (ONU), juntando-se ao árabe, ao chinês, ao espanhol, ao francês, ao inglês e ao russo.

Para além do estudo que deu origem à exposição que temos vindo a apresentar sobre o *Potencial Económico da Língua Portuguesa*, vários outros estudos recentes que se deram como objetivo determinar em que medida uma língua pode ser considerada uma língua mundial, nomeadamente os estudos orientados por Richard Marcoux e Alexandre Wolff e os dirigidos por Louis-Jean Calvet, o português é, claramente, indicado como língua mundial, a par do inglês, do francês e do espanhol, tendo sido retidos para essa definição os seguintes critérios quantitativos e qualitativos: a expansão territorial, o estatuto da língua nos diferentes países, o estatuto oficial nas organizações internacionais, o seu ensino como língua estrangeira, a qualidade dos instrumentos e recursos de comunicação entre locutores não nativos, o índice de expressões culturais diversificadas, o número de artigos presentes na Wikipédia, o número de prémios Nobel atribuídos a autores de cada língua, a importância das traduções em cada idioma, a capacidade de uma língua se afirmar fora do espaço de origem, o índice de desenvolvimento humano (IDH) e a taxa de uso na Internet. Em todos esses estudos, o português aparece, inequívoca e, naturalmente, como uma língua mundial.

O português é também uma língua supercentral, segundo o modelo gravitacional proposto pelo linguista Louis-Jean Calvet que representa as relações entre as várias línguas do mundo como uma espécie de galáxia constituída por diferentes estádios de gravitação, em que *à volta de uma língua hipercentral, o Inglês, pivô do sistema, gravitam uma dezena de línguas supercentrais* (alemão, árabe, chinês, espanhol, francês, hindi, japonês, malaio, português, russo e suaili). Tomemos como exemplo o que se tem passado em Angola, onde o português é língua materna de apenas metade da população concentrada nos centros urbanos, distribuindo-se o resto da população por mais de quarenta línguas, sendo o umbundu, o quimbundo, o quicongo e o quinoco as mais importantes. Não havendo uma língua central uma das formas de comunicação e de entendimento entre os vários grupos linguísticos é feita por meio do português, língua supercentral. A impossibilidade de impor nos territórios das ex-colónias portuguesas, uma língua como língua nacional, unificadora, o que tem, consequentemente, favorecido a expansão do português que, cada vez mais, é

utilizado, o que representa uma situação ímpar no contexto de África, que só tem paralelo com o contexto gabonês, em relação ao francês. É assim que os angolanos se sentem lusófonos, através do Português e ovimbundus, quimbundus e quicongos através das suas respectivas línguas, sem que alguma assegure uma identidade angolana. Diz, a propósito, o escritor angolano José Eduardo Agualusa: *Um quarto de século após a independência, o número de falantes de português cresceu de forma impressionante, devendo o português ser hoje a segunda língua materna mais falada em Angola, logo depois do umbundo. Tal fenómeno parece-me verdadeiramente espantoso. Pela primeira vez uma língua de origem europeia conseguiu enraizar-se em África, tornando-se numa língua africana, num espaço de tempo muitíssimo curto e por ação dos próprios filhos do país.*

Mas, será que a língua portuguesa ocupa o lugar que lhe é próprio no espaço linguístico mundial? Claramente que não ocupa. Com efeito, ainda que o português seja uma língua mundial, que o alemão, o italiano ou o russo não são, estas línguas têm uma importância superior à língua de Camões, no ranquingue das línguas, estabelecido pelo BCL (Barómetro Calvet das Línguas) de 2012. Com efeito, quando considerados todos os índices que supramencionamos, o português é a nona língua mais importante no sistema mundial, atrás do italiano (8^a), do holandês (7^a), do japonês (6^a), do russo (5^a), do alemão (4^a), do francês (3^a), do espanhol (2^a) e do inglês (1^a), entre mais de quinhentas línguas analisadas. Mas prevê-se que continue a subir neste ranquingue, uma vez que saltou já do 16^o lugar que detinha em 2010 para o 9^o lugar em 2014.

Nos painéis 7, 8 e 9 da exposição exibem-se, 71 caras da língua portuguesa selecionadas, onde é chocante a ausência de algumas personalidades esquecidas e, ironicamente, as que justamente puseram o português na ribalta do universo linguístico, fazendo com que seja hoje uma língua de cultura, de ciência e de negócios falada por cerca de 250 milhões de pessoas: Marquês de Pombal, Gonçalves Viana, José Aparecido de Oliveira, Eduardo Lourenço e Agostinho da Silva, para já não falar de Chico Buarque ou de Sophia de Melo Breyner Andresen, ausências que muita perplexidade causaram a inúmeros visitantes. O Marquês de Pombal, que com a Lei do Diretório de 3 de maio de 1757 impôs que todos os habitantes do Brasil falassem, obrigatoriamente, a “Língua do Príncipe”, ou seja, a língua portuguesa, sob pena de serem severamente punidos e, para garantir a observância da mesma, enviou para o Brasil um dos seus irmãos, Francisco Mendonça Furtado, expulsando, pouco depois os jesuitas do Brasil, pois que os mesmos continuaram a utilizar o Nheengatu, uma língua derivada do tupi-guarani, considerada a língua geral no Brasil e utilizada pelos índios, jesuítas e colonos. Não fora esta política do Marquês de Pombal e hoje não fariamos parte de uma comunidade linguística com cerca de 250 milhões de locutores. A segunda figura sempre esquecida é Gonçalves Viana que levou a cabo não a reforma como se diz, mas a revolução ortográfica do português, em 1911, tendo disciplinado a nossa magna língua, numa época em que cada um escrevia como bem queria e inventava como soía e dela expurgou a pseudo-etimologia e, seguindo critérios fonológicos, fez uma

reforma que ainda hoje os francófonos querem para si. Agostinho da Silva que pode bem considerar-se o precursor da lusofonia, pois lutou pela liberdade do Homem e do Espírito tanto em Portugal, como no Brasil, em África e Ásia. No mesmo espírito universalista e visionário de Agostinho da Silva, José Aparecido de Oliveira, outro dos esquecidos, é justamente considerado o pai da Lusofonia, pois teve um papel decisivo na criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, cuja ação se estruturou segundo o eixo político-diplomático, da responsabilidade dos Estados, e os eixos da economia e da língua portuguesa, onde a participação da sociedade civil é determinante. Na política, a ausência mais notada é a de Mário Soares, o político português mais conhecido na cena internacional.

Na exposição *O Potencial Económico da Língua Portuguesa* realça-se, nos painéis nºs 12 e 13, a importância da partilha de uma língua comum no comércio e nos negócios, nomeadamente os dados relativos ao comércio externo entre países lusófonos que privilegia as trocas feitas em português e que só são ultrapassadas por aquelas que se efetuam em inglês, à exceção de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, onde as mesmas se fazem, sobretudo, na língua de Camões, e, por isso, são mais relevantes do que as que se fazem em inglês. Realça-se, também, a importância determinante da língua nos fluxos migratórios: Mais de 50 por cento dos imigrantes que residem em Portugal são oriundos de países de língua oficial portuguesa e para os portugueses que emigram, a língua é um elemento importante, tendo 16 por cento dos portugueses que vivem no exterior escolhido países de língua oficial portuguesa. Considera-se que a proximidade linguística influencia, significativamente, o investimento direto no estrangeiro e os fluxos migratórios e, moderadamente, o comércio externo e os fluxos turísticos. Sabe-se que *as diferenças linguísticas são barreiras ao comércio, equivalentes a tarifas que podem ir dos 15 aos 22%* como considera Hagel. Fazendo, por outro lado, uma comparação entre emigrantes e imigrantes por família linguística, verifica-se que os fluxos migratórios são determinados por razões económicas, em que os emigrantes procuram melhores salários, não sendo porém negligenciáveis as razões de ordem linguística, pois sabe-se que 13% dos emigrantes portugueses escolhem países onde se fala português; 10%, vão para países de língua espanhola, por razões não apenas geográficas, mas também de proximidade linguística. Por outro lado cifra-se em 51% a percentagem de imigrantes em Portugal que vêm de países de língua oficial portuguesa.

Dado económico importante é o facto de entre os dez países que fizeram as mais recentes descobertas de petróleo, três são membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP): Angola, Moçambique e Brasil.

As características da língua portuguesa e alguns dados que temos vindo a enunciar permitem avaliar o poder e supremacia do Português, em relação a outras línguas. Dependerá, com certeza da utilização desse poder (o que até aqui tem sido negligenciado) o valor cultural, mas também económico, da língua portuguesa. E, para começar há que perceber que o sucesso do desenvolvimento económico dos países da CPLP passa necessariamente pela aposta em parcerias para o investimento das economias dinâmicas no espaço da CPLP. A língua portuguesa e os laços culturais que uma história comum construiu com os povos que a adotaram como língua oficial, é hoje um fator de riqueza e, nesse sentido, sabe bem recordar as palavras de Mari Alkatiri, ex-primeiro-ministro de um dos mais jovens países do mundo, Timor Lorosae: *Neste mundo global deve haver um esforço em definir novas fronteiras globais, fronteiras da língua e da cultura. Como meia ilha que é, Timor-Leste ganha com a língua portuguesa essa fronteira global e ampla, que atravessa oceanos e une continentes. Com a língua portuguesa deixamos de nos sentir apenas como esta ilha para nos sentirmos parte deste mundo global.*

A língua é, para além de veículo da expressão de ideias, sentimentos nobres, desejos, uma questão de estratégia geopolítica, pelo que, *fazemos votos para que todas as Pátrias da Língua Portuguesa possam neste milénio avançar por caminhos de progresso e de humanismo, a partir do uso da 2ª língua românica do mundo, na velha Gallaecia romana nascida*, como tão bem o deseja Fontenla, linguista e grande estudioso da nossa língua.

Pelo que ficou aqui dito, tudo aponta para que o português venha a ser uma das línguas internacionais deste século com um desígnio crucial na génese das culturas e civilizações, mas o Português só desempenhará esse papel neste século, na medida em que se impuser como língua de ciência, de expressão cultural e artística e que seja um «meio de afirmação e uma poderosa vertente da economia de um país, como recentemente escreveu a linguista portuguesa Helena Mira Mateus num artigo no semanário *Expresso*.

A expansão do Português no mundo surgirá naturalmente, quanto mais ciência se fizer em língua portuguesa, quanto mais cultura for criada em língua portuguesa, quanto mais arte for produzida em língua portuguesa e quando os países integrantes da CPLP se afirmarem nas relações económicas internacionais. Estes fatores serão essenciais para que falantes de outras línguas necessitem e queiram aprender a falar Português.

Porque a Língua Portuguesa, essa vai soberba e ativa e se até aqui tem andado baixa e sem louvor, culpa é dos que a mal exercitaram. *Esquecimento nosso e desamor*, como dizia já António Ferreira numa carta a Pero Andrade Caminha, do século XVI. A crítica, essa, está atual.

Referências Bibliográficas

CALVET, Louis-Jean (1999). *Pour une écologie des langues du monde*. Paris: Plon.

FONTENLA, José Luís. *Papel da Língua Portuguesa*, in Revista de Humanidades e Tecnologias nº 06/07/08 (2002): Dossiê Línguas e Culturas Edições Universitárias Lusófonas [em linha] <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rhumanidades/article/view/1442> (Página consultada a 1 de dezembro de 2013).

MARCOUX, Richard et **WOLFF**, Alexandre (dir). *Aperçu sur quelques espaces linguistiques dans le monde* in **DSEF** (Observatoire démographique et statistique de l'espace francophone). [em linha] http://www.francophonie.org/IMG/pdf/espaces_linguistiques.pdf. (Página consultada a 1 de dezembro de 2013).

RETO, Luís (Coord.) (2012). *Potencial Económico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Texto Editores.